

Tem Indígena na Terra do "Peixe Pedra"? Ancestralidade Indígena em São José de Ribamar

Adila Gabriela Coutinho Silva¹

Elzanir Nojosa de Sousa²

Fábia Holanda Brito³

Katiuscia da Costa Pinheiro⁴

Resumo

A pesquisa representa uma importante colaboração no processo de investigação sobre o alcance do etnocídio indígena em nosso país e consequente invisibilidade dos povos originários. Objetivou-se compreender qual a percepção dos alunos e alunas do IFMA São José de Ribamar sobre a presença de indígenas no município, assim como seus conhecimentos sobre os territórios indígenas locais. Como metodologia usou-se a revisão bibliográfica sobre etnocídio e genocídio indígena, Sambaquis no Brasil e no Maranhão; pesquisa de campo, aplicação de questionários de múltipla escolha. Percebemos que existe ainda uma percepção bastante estereotipada por parte dos alunos e alunas sobre o que é ser indígena, ainda que muitos/s já entendam que não há um modelo universal da identidade indígena. Percebeu-se um imenso desconhecimento sobre os sítios arqueológicos de sambaquis na cidade e concluiu-se que há uma urgente necessidade de desconstrução da visão colonizadora sobre o que é ser indígena e urgente políticas de cuidado dos sambaquis locais e sua transformação em espaços de estudos e fortalecimentos dos povos originários, seus verdadeiros donos.

Palavras chave: Indígena. Ancestralidade. São José de Ribamar. Etnocídio Indígena

Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão- FAPEMA

¹ Aluna do Curso de Eletroeletrônica (Integrado) do IFMA campus São José de Ribamar. Bolsista FAPEMA. Email: gabriela.coutinho@acad.ifma.edu.br

² Aluna do curso de Rede de Computadores (EJA) do IFMA campus São José de Ribamar. Bolsista FAPEMA. Email: sousanojosa1967@mail.com

³ Profª Drª em Processos e Manifestações Culturais . Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA São José de Ribamar. Email: fabia.holanda@ifma.edu.br

⁴ Profª Es. em Gestão em Políticas Públicas de Gênero e Raça (UFMA). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA Itapecuru Mirim. Email: katiuscia.pinheiro@ifma.edu.br

O continente que hoje chamamos América já era habitado por cerca de 65 milhões de indígenas organizados em centenas de povos, como Tupis, Guaranis e Jês quando da chegada de Cristóvão Colombo, em 1492. Esses povos falavam mais de 1200 idiomas e viviam da caça, pesca, agricultura e colheita, tinham as suas próprias leis, crenças, conhecimentos, artes e hábitos (BBC NEWS BRASIL: 2021). Considera-se etnocentrismo (ROCHA: 1988) o entendimento de que a cultura para esses povos começou somente com a chegada dos colonizadores. Mesmo esses povos não usando a escrita como os europeus, eles registravam seus conhecimentos de forma oral, repassando-os de geração a geração e também através das pinturas rupestres, cerâmicas, instrumentos de pedra etc

Alguns povos originários fizeram, inclusive, sua própria classificação da história, diante do seu ponto de vista, um exemplo é o povo Huni Kuin, do Acre, que elaborou uma cartilha que divide sua história em períodos criados por eles mesmos (RÁDIO E TV UNIVERSITÁRIA: 2015). Diante desse processo de apagamento surgiu o interesse em refletir sobre a invisibilidade indígena entre alunos e alunas do campus IFMA São José de Ribamar.

O grau de invisibilidade dos povos indígenas ainda é bastante elevado e cercado de preconceitos e desinformação. Importante perceber que desde a chegada dos portugueses os povos originários têm sido afetados por diversas formas de violência como o etnocídio e o genocídio. O genocídio é caracterizado por atos “cometidos com a intenção de destruir no todo ou em parte um grupo nacional, étnico, racial ou religioso” (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA: 1952). Esses atos ocorreram contra os povos originários desde a chegada dos portugueses através de doenças, guerras, escravidão. Segundo Ailton Krenak os povos indígenas estão em guerra até hoje (MPA BRASIL:2021).

Já o etnocídio é a destruição da cultura de um povo, apagando as suas tradições, línguas, crenças e costumes, em meio a relações de poder assimétricas. Um exemplo de processo etnocida foi a catequização dos povos originários e o Diretório de 1758, criado pelo Marquês de Pombal, proibindo uso da língua geral e impondo o uso da língua portuguesa. Quem ousasse desobedecer sofria risco de morte (EDELWEISS:1969) Segundo o pensador indígena Ailton Krenak, “o etnocídio é você deixar os corpos vivos, impedidos de serem quem são. O genocídio é matar o corpo, o espírito, o ser: o genocídio. O etnocídio pode deixar todos nós vivos, com vários apelidos” (TV TAMUYA: 2021).

Foram várias as estratégias etnocidas: a retirada do termo “caboclo” no final dos Oitocentos, a ausência proposital da categoria “indígena” no censo demográfico por cerca de cem anos, a imposição da categoria “pardo”. O termo indígena, por exemplo, só foi inserido na última década do século XX (FERRO;VARÃO, 2021 apud FERRO, 2023, p.175). Diante dessas violências racistas essa pesquisa buscou analisar quais ideias, imagens permeiam o imaginário dos/as alunas/os do IFMA São José de Ribamar sobre os povos indígenas. A compreensão desse apagamento se direcionou tanto para a análise da visão dos alunos e alunas sobre os povos indígenas quanto para os estudos sobre a invisibilidade dos territórios indígenas no município, a exemplo do Sítio Arqueológico Sambaquis de Panaquatira, localizado em São José de Ribamar – MA.

Metodologia

Essa pesquisa ocorreu usando-se diferentes formas de aprendizado. Como os conhecimentos indígenas são costumeiramente transmitidos de forma oral assistimos vários vídeos com as reflexões dos povos originários. Fizemos leituras sobre os conceitos de Cultura, Ideologia, Etnocentrismo, Relativismo Cultural, determinismo geográfico, determinismo biológico, as noções do bom e do mau selvagem. Destacamos o estudo dos conceitos de genocídio (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA: 1952) e etnocídio (TV TAMUYA: 2021). Essas leituras nos permitiram entender melhor porque os portugueses inferiorizavam os povos indígenas reforçando o etnocídio contra eles. Durante o processo da pesquisa fizemos várias reuniões para organizar ideias, decidir metas e estratégias metodológicas. Uma das estratégias foi a aplicação de um questionário nas turmas para saber qual a visão dos alunos e alunas acerca dos povos indígenas de forma geral e na cidade de São José de Ribamar - MA. O questionário foi elaborado da seguinte forma: desenvolvemos 5 perguntas de múltipla escolha que tiveram por objetivo sondar o grau de percepção dos alunos e alunas do campus acerca do que é ser indígena, elementos que supostamente caracterizariam uma pessoa indígena e seus conhecimentos sobre a presença ou não de pessoas indígenas na cidade.

Outra estratégia da pesquisa foi o trabalho de campo no Sítio Arqueológico de Sambaquis de Panaquatira para reconhecimento do local, averiguação das condições desse espaço oficialmente protegido pelo IPHAN. Fizemos, ainda, pesquisa bibliográfica (MORAES, 2024)sobre esse espaço para entender sua importância como local de resguardo da cultura

não só dos povos sambaquieiros quanto dos indígenas que mais recentemente viveram nesse território.

Resultados e Discussão

Os estudos sobre o Sítio Arqueológico de Sambaquis de Panaquatira

No Maranhão, os sambaquis se distribuem regionalmente pelo Litoral das Rias Maranhenses (costa ocidental) e a área mais próxima ao Delta do Parnaíba (Costa Oriental). No entanto, os sítios mais conhecidos estão localizados no Golfão Maranhense e na Ilha de São Luís, (BANDEIRA, 2016 apud MORAES, 2024, p.27). O sambaqui da Panaquatira (também conhecido como Itapari ou Jaguarema) tem a extensão estimada entre 450 e 500 metros, com uma largura superior a 300 metros e uma altura média de cerca de 2,3 metros (MORAES: 2024. p. 31). Está situado na localidade de mesmo nome, próxima à praia do Caúra, no município de São José de Ribamar, na Baía de São José. Esse município, juntamente com São Luís (capital do Maranhão), Raposa e Paço do Lumiar, compõem a Ilha de São Luís (MORAES: 2024. p.30) ou Ilha de Upaon Açú. Existem outros sambaquis em São José de Ribamar além do sambaqui da Panaquatira, a exemplo do Campo dos Índios, Caúra, Boa Viagem, Pau Deitado, São Brás, Araçagy, Sarnambi, Turiúba 1 e Turiuba 2. (MORAES: 2024. p. 105 - 108).

Pesquisas recentes sobre o Sambaqui da Panaquatira apontam que esse sítio arqueológico seja uma das 22 aldeias Tupinambás de São Luís-MA existentes durante a colonização francesa, entre 1612-1616 chamada Itarary. Nesse sítio a presença de cerâmica é o elemento cultural predominante, além de batedores e almofarizes feitos de rochas diversas encontrados na superfície, pequenas lâminas de machado, alguns instrumentos feitos de ossos e conchas, bem como vestígios de sepultamentos. Também foram observados vestígios de peixes e ossos de pequenos mamíferos (MORAES: 2024. p. 32)

Atualmente o sítio está ameaçado pela especulação imobiliária e extração ilegal de areia preta e conchas (MORAES: 2024. p. 31). No trabalho de campo que fizemos verificamos que a placa do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) não está mais no local e parte do arame da cerca que envolve o Sítio arqueológico já foi retirada. Além da necessidade de maior cuidado com a estrutura física de proteção do sítio arqueológico, sua existência e importância ainda é pouco difundida no próprio município onde se localiza. Isso foi comprovado na pesquisa que realizamos em abril de 2025, com discentes do IFMA São José de Ribamar, em que se aplicou um questionário que foi

enviado a todos/as os/as alunos/as (total de 480) das 12 turmas da modalidade Integrado (Ensino Médio e Técnico) dos Cursos de Administração, Jogos Digitais, Informática na Internet e Eletroeletrônica. 96 alunos/as (20%) responderam. Obtivemos o seguinte resultado:

Pergunta: Você saberia informar se em São José de Ribamar existe Sítio Arqueológico de Sambaquis?		
A)SIM 13,54%	B. Não B. 13,54%	C)Não sei dizer o que é um Sítio Arqueológico de Sambaquis 71,87%

Fica nítido o desconhecimento desse patrimônio cultural por parte dos/as discentes. Mais grave ainda é o diagnóstico apontar para um índice muito alto (71,87 por cento) de desconhecimento do que seja um sítio arqueológico de sambaquis em si. Esse resultado aponta a baixíssima importância que os poderes públicos dão à divulgação e cuidado dos patrimônios culturais que guardam as memórias dos povos originários/sambaquieiros.

Os colonizadores quase destruíram as identidades culturais dos nativos com seu poderio colonizador etnocêntrico. Além disso, vestígios dos sambaquis como as conchas, foram muito utilizadas na época colonial para fazer cal, pavimentar ruas e também para dar sustentação, juntamente com barro, na construção de casas (NOSSOMARANHÃOOFFICIAL: 2024) o que desde então já acelerou a degradação desses sítios.

Invisibilidade indígena entre alunos e alunas do campus IFMA São José de Ribamar: mapeando o etnocídio dos povos originários

É importante perceber que desde a chegada dos portugueses os povos originários têm sido afetados por diversas formas de violência como o etnocídio e o genocídio. O genocídio é caracterizado por atos “cometidos com a intenção de destruir no todo ou em parte um grupo nacional, étnico, racial ou religioso” (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA: 1952). Esses atos ocorreram contra os povos originários desde a chegada dos portugueses através de doenças, guerras, escravidão. Segundo Ailton Krenak os povos indígenas estão em guerra até hoje (MPA BRASIL:2021)

Já o etnocídio é a destruição da cultura de um povo, apagando as suas tradições, línguas, crenças e costumes, em meio a relações de poder assimétricas. Um exemplo de processo

etnocida foi a catequização dos povos originários e o Diretório de 1758, criado pelo Marquês de Pombal, proibindo uso da língua geral e impondo o uso da língua portuguesa. Quem ousasse desobedecer sofria risco de morte (EDELWEISS:1969) Segundo o pensador indígena Ailton Krenak, “o etnocídio é você deixar os corpos vivos, impedidos de serem quem são. O genocídio é matar o corpo, o espírito, o ser: o genocídio. O etnocídio pode deixar todos nós vivos, com vários apelidos” (TV TAMUYA: 2021).

Foram várias as estratégias etnocidas: a retirada do termo “caboclo” no final dos Oitocentos, a ausência proposital da categoria “indígena” no censo demográfico por cerca de cem anos, a imposição da categoria “pardo”. O termo indígena, por exemplo, só foi inserido na última década do século XX (FERRO;VARÃO, 2021 apud FERRO, 2023, p.175).

Para perceber o grau de contaminação dos/as alunos/as pelo processo de (in)visibilidade indígena enviamos um questionário às 12 turmas (total de 480 alunos/as) do IFMA São José de Ribamar, na modalidade Integrado (Ensino Médio e Técnico), dos Cursos de Administração, Jogos Digitais, Informática para Internet e Eletroeletrônica. 96 alunos/as (20%) responderam. Obtivemos o seguinte resultado:

Pergunta: 1) Marque a opção abaixo que representa, na sua visão, o local onde vivem as pessoas indígenas:				
Resposta 1 Aldeia 34,37%	Resposta 2 Tribo 7,29%	Resposta 3 Qualquer lugar 52,08%	Resposta 4 Cidade 3,12 %	Resposta 5 Amazônia 2,08%

Pergunta: 2) Qual característica FÍSICA todas as pessoas indígenas possuem?				
Resposta 1	Resposta 2	Resposta 3 Pele escura	Resposta 4 Lábios grandes	Resposta 5

Cabelos negros e lisos 39,58%	Olhos puxados 7,29%	5,20%	0,0 %	não existe característica física comum a todos os indígenas 46,87%
----------------------------------	------------------------	-------	-------	---

Pergunta: 3) qual dos elementos abaixo caracterizam uma pessoa como sendo indígena?				
Resposta 1 saber de qual povo indígena faz parte 37,5%	Resposta 2 falar a língua seu povo 5,20%	Resposta 3 saber as rezas do seu povo 2,8%	Resposta 4 morar junto com o seu povo 5,20%	Resposta 5 não é necessário saber nenhuma das coisas acima para que alguém seja indígena 47,91%

Pergunta: 4) Existem indígenas vivendo em São José de Ribamar na atualidade?		
Resposta 1 – SIM 51,04%	Resposta 2 - NÃO C. 1,04%	Resposta 3 - NÃO SEI DIZER 44,79%

A análise do questionário respondido pelos/as alunos/as nos levou a algumas reflexões. Na pergunta 01 as respostas apontam que a opção “Qualquer lugar” teve a maior votação (52,08%). Percebe-se, porém, que um percentual considerável (34,37%) de alunos/as ainda acredita que indígenas só vivem em aldeias, ainda que o censo 2022 aponta que a

maioria dos indígenas vivem em contexto urbano (BARBERENA; PINHEIRO: no prelo). Essa percepção é fruto do violento processo colonizador que empurrou os povos originários para os limites das aldeias, sendo que antes da chegada dos europeus os/as indígenas viviam em todo o território que hoje chamamos Brasil.

Na pergunta 02 a opção mais votada (46,87%) foi que “não existe característica física comum a todos os indígenas”, entretanto 39,58% das respostas dizem que indígenas tem que possuir “Cabelos negros e lisos”, apontando a permanência de um ideal de indígena puro, desconsiderando a imensa diversidade de biotipos indígenas presentes no Brasil já antes da colonização isto sem contar todo o processo das violências sexuais sofridas pelas mulheres indígenas desde o início da colonização que contribuiu também para uma descendência geneticamente mais variada.

Na pergunta 03 a maioria (47,91%) entende que “não é necessário saber nenhuma das coisas acima para que alguém seja indígena”. Por outro lado, houve 37,5% que afirmaram que os/as indígenas precisam “saber de qual povo indígena faz parte”. Exigir de uma pessoa indígena o conhecimento sobre seu povo é desconsiderar que esses povos foram obrigados a esconder suas tradições sob pena de sofrerem assassinato, foram expulsos de seus territórios constituindo uma diáspora interna que fragilizou seus laços étnicos e o conhecimento de sua ancestralidade.

Na pergunta 04 51,04% afirmaram que existem indígenas vivendo em São José de Ribamar, já 44,79% responderam que não sabem dizer se há indígenas vivendo nessa cidade. Apesar de um número considerável de alunos/as que afirmaram ter conhecimento de indígena no município é alto (44,79%) o número dos/as que desconhecem as populações indígenas nessa cidade. Esse desconhecimento também é resultado de todas essas estratégias etnocidas de apagamento dos povos indígenas e de imposição de critérios arbitrários para afirmar quem pode ou não ser indígena.

Considerações Finais

As bolsistas compreendem os elementos culturais indígenas pré colonização e que seu imaginário gira atualmente em torno de uma História que se iniciava não somente com a chegada dos colonizadores. Está superada a concepção de história eurocêntrica que só considera como cultura a escrita. Compreendem a nossa noção de tempo, até então atrelada de toda vivência anterior à chegada dos portugueses, como existente desde muito

antes da chegada destes no território de Abya Yala. Dessa forma, o intervalo de tempo entre 1500 e 2025, que até então significava para as bolsistas a "História", dimensionam agora como apenas um pequeno trecho da História de longa dimensão desse território.

O conhecimento sobre as eras arqueológicas assim como a informação da existência do Sítio Arqueológico de Sambaquis de Panaquatira cuja localização no município onde ocorre a pesquisa fortalece esse processo de ressignificação do tempo. Esse reposicionamento nos permite compreender a ancestralidade indígena no município também por meio do reconhecimento desse território ancestral hoje patrimônio protegido pelo IPHAN.

Uma outra modificação causada em nossas mentes acerca da noção de tempo, passado e futuro tem a ver com a ideia de que até hoje transcorre uma "guerra" entre dois mundos (indígena e não indígena) que não acabou no século XVI. No olhar de Krenak a guerra contra os indígenas é diária possibilitando-nos dizer que o século XVI perdura até hoje.

Esse estudo sobre o Sítio Arqueológico Sambaquis de Panaquatira permite conhecer a constituição e formação desse espaço ne possibilita doravante levar o conhecimento sobre sua existência e importância histórica e arqueológica ao IFMA - São José de Ribamar-MA e à comunidade em geral por meio de projetos de extensão, ensino e de pesquisa. Esse patrimônio de grande relevância, mas ainda pouco conhecido, precisa ser espaço de estudos e visitas por parte dos/as estudantes e professores/as do campus do IFMA de nosso município e também das outras escolas da rede estadual e municipal. Nesse sentido, pretendemos articular reuniões com os poderes públicos municipal, estadual e federal visando criar iniciativas que valorizem esse espaço como lugar de aprendizado, ciência e fortalecimento dos povos originários que são os herdeiros primordiais

A lógica colonizadora etnocida é perversa justamente porque exige dos povos indígenas que apresentem características e conhecimentos que o próprio Estado Colonizador se encarregou de apagar. Trata-se de uma estratégia sofisticada de invisibilização de povos que são os verdadeiros donos de seus territórios e que tiveram que se camuflar em “apelidos” como caboclo, pardo, mestiço para sobreviver. Daí a importância da desconstrução dos estereótipos que ainda perduram no imaginário dos alunos e alunas do campus IFMA São José de Ribamar.

Agradecimentos

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão- FAPEMA pela disponibilidade de bolsas de estudo para que essa pesquisa pudesse ser realizada.

Referências

BARBERENA, Lucia Vinatea. PINHEIRO, Katiúscia da Costa. *Indígenas em contexto urbano: relatos e reflexões sobre retomada e espiritualidade*. 20249 (No prelo)

BBC NEWS BRASIL. *Como realmente era a América antes da chegada de Colombo?* 04.11.2021. Youtube <https://www.youtube.com/watch?v=SSV1YvTarck>. Acesso em 06.12.2024. 10 min. e 34 seg.

CASTRO, Eduardo Viveiros. *No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é*. 08.2006 <http://pib.socioambiental.org>. Acesso em: 07.04.2025.

EDELWEISS, Frederico. *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira, 1969, pp. 18-19; pp. 36-37)

FERRO, Sérgio Pessoa. *O Ser Indígena na História Institucional Brasileira: pardismo como razão de Estado*. João Pessoa: 2023. UFPB

MORAES, Lucio Adriano Teixeira de. *Da paisagem aos ritos: processos de formação dos sambaquis na Ilha de São Luís, Maranhão*. São Luís: UFMA, 2024.

MPA BRASIL. *GUERRAS DO BRASIL.DOC - Ep. 1: As guerras da conquista*. 21.03.2021. Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=1C7eQB16_pk. Acesso em: 04.04.2025. 28 min. 38 seg.

NOSSOMARANHÃOOFICIAL. Instagram. 10.03.2024. https://www.instagram.com/reel/DHCd-P_uyDv/?igsh=bTcxamoxNTd0amtk. Acesso em 11.04.2025. 41 min 32 seg.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Convenção para a Prevenção e a Repreensão do Crime de Genocídio*. 06.05.1952 https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/atos/decretos/1952/d30822.html. Acesso em 04.04.2025.

RÁDIO E TV UNIVERSITÁRIA - RTV / UFRR. Série Índios no Brasil - episódio Uma outra história. 05.05.2015. Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=D7i9yA_eOCI. Acesso em: 03.01.2025. 1 min. 31 seg

ROCHA, Everardo. O Que é Etnocentrismo. São Paulo: Brasiliense. 1988

TV TAMUYA. DIA 1 - O Truque Colonial que Produz, o Pardo, o Mestiço e outras categorias de Pobreza. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=dvijNR9Nbgo&list=PLu-83zx9u0a4EcnzXruYW7x9jTgwo9Hzv>. Acesso em: 26.03.2025. 1h22min9s